

SERRAVES

18 - 19 OUT

O MUSEU

THE MUSEUM AS
PERFORMANCE

COMO

PERFORMANCE

GUI B.B / HARALD BEHARIE / MERCHE BLASCO / ANGELA GOH

PEDRO MAGALHÃES + ENSEMBLE DECADENTE / NOUR MOBARAK / CARLOS M. OLIVEIRA

DANIA SHIHAB / SOCIETAT DOCTOR ALONSO / ANDREAS TROBOLLOWITSCH

TIRAN WILLEMSE & MELIKA NGOMBE KOLONGO (NKISI)

PT

O MUSEU COMO PERFORMANCE

Embora reconhecendo ser “intermitentes”, no contexto das artes performativas (e do espetáculo, em geral), uma palavra armadilhada (com conotações negativas, que passam, nomeadamente, pelo diagnóstico de precariedade laboral; mas também positivas, simbolizando a união de uma classe na reivindicação dos seus direitos), não nos ocorre melhor expressão do que “intermitências” para caracterizar **O Museu como Performance**, programa anual do Museu de Serralves que há onze anos interrompe durante um fim de semana a sua programação regular de exposições.

Ao apresentar em diversos espaços do museu, incluindo algumas galerias de exposição, propostas híbridas, algumas dificilmente classificáveis (na fronteira entre artes visuais, dança, performance e música), **O Museu como Performance** assume duas premissas fundamentais: por um lado, interrogar a pertinência de divisões disciplinares (seguindo, aliás, as práticas de diversos artistas, assentes na colaboração entre agentes de áreas distintas, ou simplesmente na vontade de reunir e amalgamar diferentes interesses) e, por outro, questionar os visitantes de museus sobre os seus comportamentos (hábitos adquiridos? incutidos? impostos?), de caminho examinando a capacidade de projetos mais ou menos fugazes, mais ou menos leves (dos pontos de vista logístico e financeiro), iminentemente experimentais e especulativos, para abordarem questões de discussão urgente, frequentemente só mais tarde integradas, tornando-se “pilares essenciais” da programação de muitas instituições culturais — incluindo os museus em que se apresentam. Explicamos melhor: os artistas performativos, tão intermitentes quanto experimentais e especulativos (e não estarão relacionadas, urgência e intermitência?), funcionam como uma espécie

de “canários na mina”. Não andaremos muito longe da verdade se afirmarmos que questões como representatividade, inclusão e identidade, relação não hierárquica do homem com a Natureza, revisitação da ancestralidade, reflexão sobre importantes momentos históricos que terão moldado as ideias de civilização e cultura ocidentais (o colonialismo, nomeadamente), integraram as propostas de variadas performances (e de **O Museu como Performance**) antes de serem consideradas estruturantes, pelo menos essenciais, na programação de exposições e na abordagem ao colecionismo de muitos museus. Digamos que os artistas e projetos que são apresentados neste programa funcionam como uma espécie de luzes intermitentes, os dispositivos de sinalização luminosa que piscam para alertar ou informar:

À imagem daquilo que sucedeu nas dez edições anteriores, a seleção de projetos apresentados durante **O Museu como Performance** de 2025 não foi antecédida de nenhuma escolha temática, nem de uma priorização das questões acima arroladas; mas, exatamente como vem acontecendo em anos anteriores, perceberam os curadores deste programa que as suas escolhas iam recaindo sobre artistas e propostas cujas características quer se assemelhavam quer se complementavam, num exercício em que uma seleção dava origem a outra(s), e assim por diante (nada de demasiado inédito na construção de um programa, portanto).

Aquilo que propomos neste texto é, assim, uma espécie de itinerário comentado, em que as “afinidades eletivas” e interrogações comuns entre artistas e projetos — mas também as suas singularidades — vão sendo realçadas.

Aproxima as artistas **Nour Mobarak** (Cairo, 1985) e **Dania Shihab** (Bagdade, 1982), além da ascendência (ancorada em países árabes, nomeadamente Iraque, Egito e Líbano), o

facto de ambas abordarem a memória e as formas como ela é construída e disseminada. No primeiro caso, é uma memória pessoal que dá origem a uma instalação sonora, apresentada na exposição de grupo *Provas Materiais*, atualmente patente no Museu de Serralves. Esta instalação será palco de um concerto em que a referida memória, que mistura teatro, religião e música, é mais uma vez invocada. No caso de Shihab, o seu projeto relaciona-se com a construção da memória coletiva, e como os museus ocidentais (principais guardiães, construtores e divulgadores dessa memória) se devem confrontar com a presença nas suas coleções de objetos que foram arrancados a países e culturas que se viram espoliados dos seus traços identitários, e que por isso suscitam questões quanto à sua possível (desejável?) restituição. A partir de instrumentos que replicam artefactos mesopotâmicos expostos no British Museum (Londres), a artista recupera as vozes e as paisagens da geografia dos seus antepassados. Ao seu trabalho, a artista chama “cerimónia de resgate”.

Uma amálgama entre futuro e passado, e traços e memórias ancestrais da cultura, neste caso africana, são o ponto de partida do projeto que une **Tiran Willemse** (África do Sul, 1987), bailarino e coreógrafo, e **Melika Ngombe Kolongo** (Congo, 1985), música e compositora. Este trabalho colaborativo recupera (resgata, também) rituais afro-diaspóricos, numa espécie de “auto-restituição”. “Auto-restituição” é uma palavra que também pode ser aplicada à prática do coreógrafo e bailarino norueguês-jamaicano **Harald Beharie** (Oslo, 1992), que reivindica gestos e estereótipos ligados à forma como a *queerness* foi sendo retratada, nomeadamente pelo cinema. Além disso, o seu trabalho obedece a uma espécie de instinto colaborativo comum a vários artistas de **O Museu como Performance**. Senão vejamos:

O artista português **Carlos M. Oliveira** (Santarém, 1980) e o coletivo catalão **Societat Doctor Alonso** propõem trabalhos em que os respetivos espaços vão sofrendo alterações durante o tempo de duração das performances. Em *Hammamturgia*, do referido coletivo, partilha-se um espaço teatral que se renova a cada gesto e deslocação para reiterar a sua função de território movediço, transformador, transitório. *Um lado | outro*, de Oliveira, revela-se uma experiência repleta de possibilidades que nos convidam a aproximar e a testemunhar encontros intuídos e afinações inesperadas entre os performers e os objetos transportáveis, investidos na transformação contínua do espaço escolhido. Não sendo as mudanças bruscas ou dramáticas, ambos os projetos requerem um regime de atenção nos antípodas do frenesi percetivo que, em grande medida, caracteriza a atualidade. Além de partirem de um esforço coletivo, instituem a partilha de um espaço, a constituição de autênticas microcomunidades que se e nos interrogam “Como viver em conjunto”. Como se fosse uma possível resposta a esta pergunta (niilista, porventura), **Pedro Magalhães** (Porto, 1975) + **Ensemble Decadente**, artista visual e grupo conhecido por experimentações sonoras e performáticas, alicerçam a sua proposta nas associações da guitarra elétrica à raiva juvenil e às manifestações da contracultura. Também a artista australiana **Angela Goh** (Camberra, 1986) propõe (sem partir guitarras) romper limitações corporais, arquitetónicas e culturais, interagindo com o edifício de Serralves e com as exposições que ele neste momento apresenta. Sublinhe-se que a relação direta da sua proposta com a arquitetura do Museu de Serralves responde a uma das premissas fundamentais de **O Museu como Performance**, que apresentou em todas as suas onze edições trabalhos que respondiam ou se adaptavam às características dos espaços de Serralves.

Também exemplo disto é a proposta do compositor interdisciplinar **Andreas**

Trobollowitsch (Áustria, 1980) — uma composição sonora a partir de instrumentos/objetos que resultam numa impactante instalação visual, e que contará com a colaboração de um ensemble de vozes local. A proposta inclui o trabalho com a espacialidade em várias dimensões, como sejam o movimento de corpos e sons. A repetição desta performance em dois lugares distintos de Serralves pretende sublinhar este mesmo aspeto.

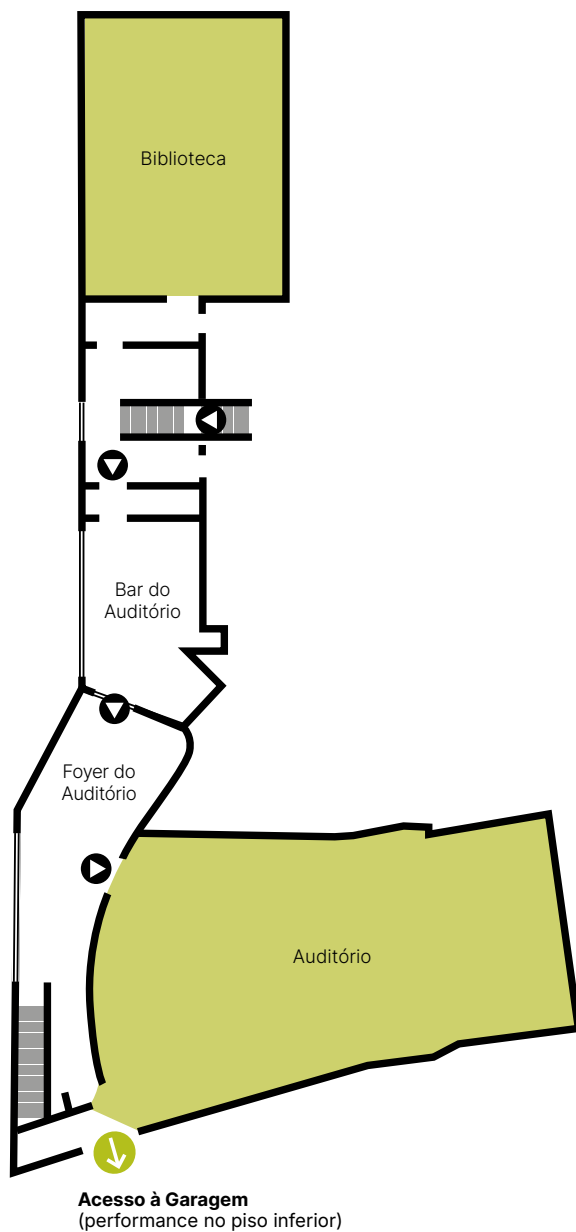
E se Trobollowitsch recorre a materiais quotidianos e/ou facilmente acessíveis na construção dos instrumentos das suas instalações, já **Merche Blasco** recusa a utilização de instrumentos produzidos comercialmente, optando pela conceção dos próprios seguindo a intenção de, com eles, romper a verticalidade hierárquica na criação de espaços coletivos de produção e escuta musical, nomeadamente entre artista, instrumentos e audiência. Os seus instrumentos são imprevisíveis, caóticos, e Blasco estabelece com eles um diálogo em que cada um dos seus gestos e o som produzido se surpreendem e afetam mutuamente.

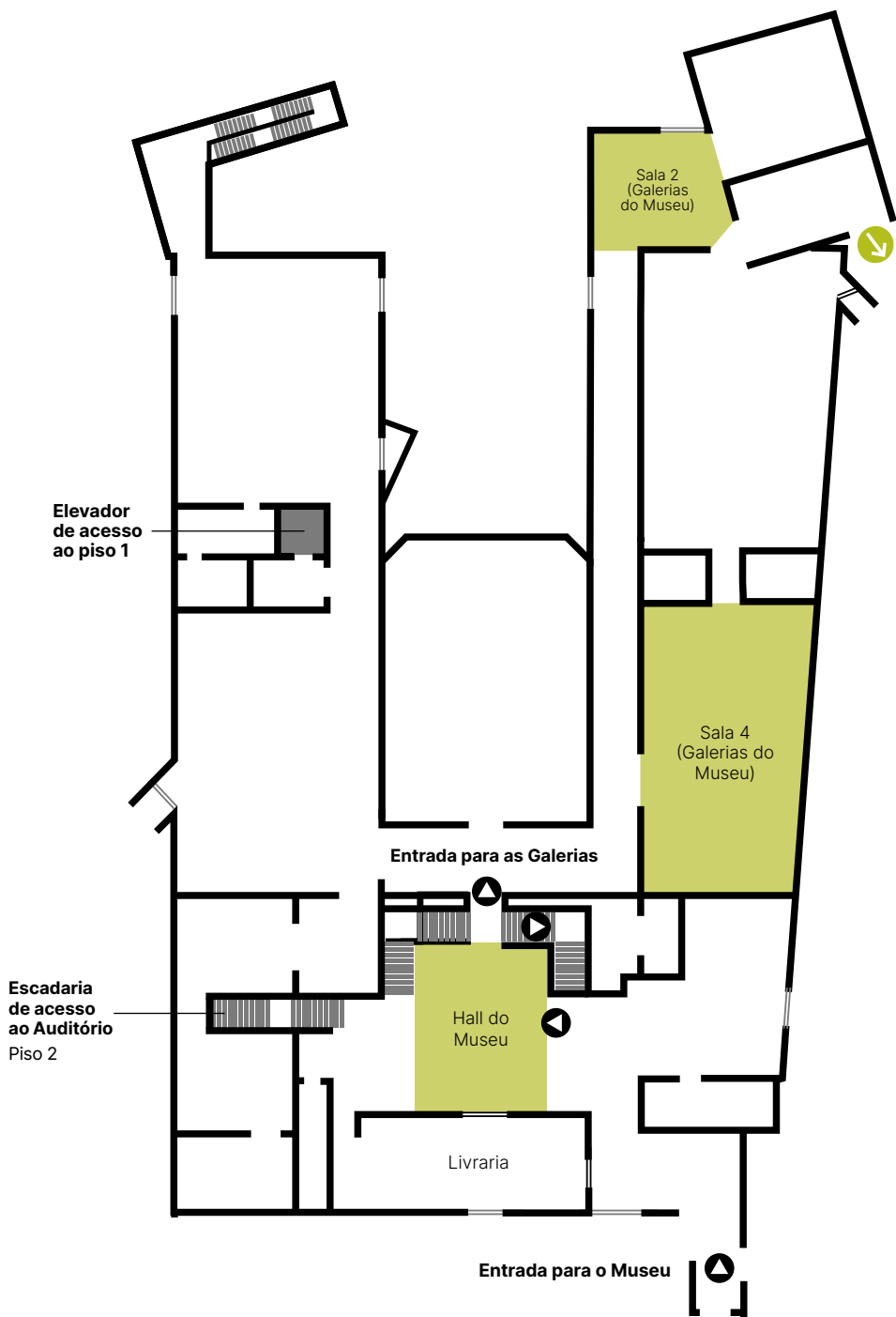
A instabilidade antideterminística da performance musical de Blasco e dos seus instrumentos encontra ressonâncias no poema à precariedade que nos é oferecido por Gui B.B. O caos e ambiguidade de um espaço que classifica como “trans-simbólico” vem revolver as hierarquias de valor em estados de alma e condições de vida. A energia paralisante do terror é reorganizada em assombro propulsor à medida que experimenta, com formas do seu corpo, descobrir o poder na vulnerabilidade e insegurança de uma vida endividada.

A proposta de **Gui B.B** vem também sublinhar as premissas de **O Museu como Performance** que apontámos no início deste texto. Para começar, o seu trabalho é mais ou menos

inclassificável — estará entre o teatro, a performance, as artes visuais; depois, propõe mundos alternativos àqueles com que “temos” de nos identificar, frequentemente através de narrativas especulativas. Ora, este programa de performances, se o quiséssemos descrever em poucas palavras, não é mais do que um incentivo para especular, e para duvidar de lugares, normas, classificações. Para terminar como começámos, acreditamos que **O Museu como Performance**, apesar de desregular fluxos (ou por isso mesmo), funciona de facto como uma espécie de luzes intermitentes, que alertam para a necessidade de procurar conexões, partilhar ideias urgentes e criar lugares utópicos, mas também de resistência face às lógicas dominantes que hoje sentimos e vivemos. Durante um fim de semana, estaremos todos no mesmo espaço e tempo. “Como viver em conjunto?” Estando mesmo em conjunto, para começar. Bem-vindos. A nossa casa, especialmente nestes dias, é mesmo a vossa casa!

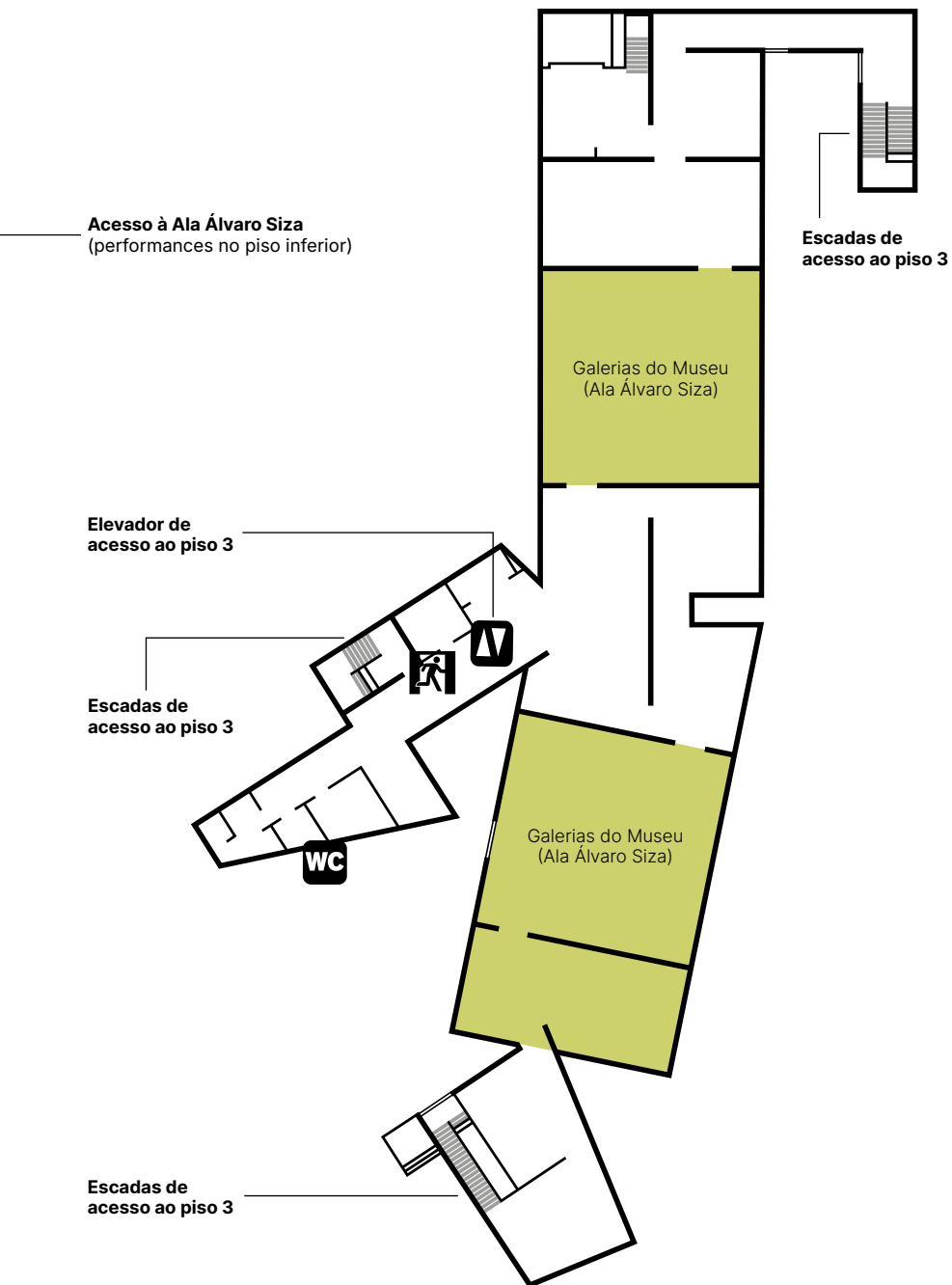
Cristina Grande, Pedro Rocha e Ricardo Nicolau





Piso 3

O MUSEU COMO PERFORMANCE



Piso 2 (Ala Álvaro Siza)



SOCIETAT DOCTOR ALONSO

HAMMAMTURGIA

PERFORMANCE, 55'

18 OUT, 12:00, 18:45

Ala Álvaro Siza (piso inferior)

Dramaturgia: Tomàs Aragay e Sofia Asencio

Direção cénica: Tomàs Aragay

Criação e interpretação: Sofia Asencio,
Beatriz Lobo, Ana Cortés, Kidows Kim

Assessoria de espaço cénico: Cube.bz e
Serrucho

Desenho de iluminação: Cube.bz

Espaço sonoro: Maties Palau

Figurinos: Jorge Dutor

"Hammamturgia" gera e capta o fluxo de corpos e coisas no espaço, uma sucessão que não explica nada, mas antes propõe e ativa transformações, um trabalho coreográfico que opera com o espaço e o tempo.

Entendemos "hammamturgia" como a outra parte da dramaturgia. A dramaturgia seria a ação de criar, compor e realizar uma peça.

"Hammamturgia", por sua vez, refere-se a uma relação com as condições de atmosfera que produzem a transformação da forma/obra: estar dentro, atravessar, ser aquilo que nos move e que não vemos. Se a

dramaturgia se relaciona com a narração e, consequentemente, lhe é atribuído um autor ou autora, a "hammamturgia" liga-se ao acontecer e não necessitaria de alguém que prescreva ações. Por isso dizemos que "hammamturgia" é o que acontece — ou o que provoca a mudança. O espaço constrói-se e transforma-se durante a ação, à vista de quem assiste.

Este espaço é nada mais do que um ambiente partilhado. Um ambiente onde não se distingue fora e dentro. É apenas uma membrana, na qual respiramos e vivemos, pelo menos durante este tempo, em conjunto. Questionamos a ideia de que se pode estar "fora", enquanto observador neutro. Estamos sempre num ambiente partilhado: somos o ambiente; o ambiente também somos nós.

De certa forma, quem cria faz a casa a partir de dentro, transformando, pouco a pouco, gentilmente, o lugar onde chegámos — e a que chamamos teatro — noutra lugar. Transformamo-lo e tornamos visível essa transformação. Não se trata de construir um ambiente do princípio ao fim, mas de fazer algo com as condições que o constituem."

Aviso: Inclui a utilização de luzes intermitentes.

Apoio:



Societat Doctor Alonso, dirigida por Tomàs Aragay (encenador e dramaturgo) e Sofia Asencio (bailarina e coreógrafa), construiu uma linguagem cuja chave fundamental reside no conceito de deslocamento. Colocar algo fora do seu lugar, âmbito ou espaço próprio, investigar como esse deslocamento modifica a linguagem, tanto na gramática constitutiva como na leitura de quem observa: deslocar para revelar. Esta manobra tem-se mostrado eficaz na geração de espaços de discurso poético que questionam o *status quo* do nosso entendimento da realidade.

Tomàs Aragay é dramaturgo e ator. Estudou Encenação e Dramaturgia no Institut del Teatre de Barcelona. Em 1996, com Roger Bernat, fundou o centro de criação General Elèctrica, em Barcelona, que encerrou em 2000. Embora com formação teatral, desde a sua primeira peça, *Cruza cuando el hombrequito está en verde* (1997), criada com Laura Arís, Sofia Asencio e Nathalie Labiano, e distinguida com o Primeiro Prémio de Coreografia no XI Certame Coreográfico de Madrid, tem trabalhado com pessoas da dança. O seu ponto de partida ao abordar a dança é livre de condicionamentos; por não ser bailarino, fala-nos dela a partir de outro lugar, mais das emoções do que do movimento. Por isso os seus espetáculos comovem e não deixam ninguém indiferente. Recebeu o Prix d'Auteur dos Rencontres Chorégraphiques Internationales de Seine-Saint-Denis, com a criação John Kovach, *state of emergency* (Festival d'Estiu Grec-99, Barcelona). Manteve um foco permanente de investigação, por um lado, estudando as relações entre as diferentes armas expressivas que mistura nos seus espetáculos — movimento, palavra e música — e, por outro, estudando como integrar na pessoa

intérprete a consciência do seu potencial criativo, para além da técnica. Lecionou cursos na Universidade de Belas-Artes de Perpignan, Festival Dansem em Marselha, Festival Nouvelles de Danse em Pau, Festival Dies de Dansa em Barcelona, Festival Enzimi em Roma, Festival Mladi Levi em Liubliana e no Festival Mira em Toulouse.

Sofia Asencio é coreógrafa, bailarina e performer. Trabalhou durante 10 anos com várias companhias, com as quais circulou pelo mundo. Entre 1989 e 1993, estudou Dança Contemporânea no Institut del Teatre de Barcelona, enquanto participava numa revista musical. Mais tarde, trabalhou com Vicente Sáez, L'Anonima Imperial, Mudances e a Cía. ACTA, e em 1998 integrou o coletivo General Eléctrica. Em 2000, criou com Tomàs Aragay a Societat Doctor Alonso, uma companhia e plataforma de investigação e produção de espetáculos em cumplicidade com outras pessoas artistas e investigadoras. Como geradora de contextos, codirigiu o Festival MAPA, entre 2004 e 2010, e co-curou o festival Salmon, entre 2021 e 2022. Atualmente participa nas atividades de El Consulado, um espaço para artes vivas em Horta Sud, Valência.

<https://doctoralonso.org>



ANGELA GOH

BODY LOSS,

PERFORMANCE, 35'

18 OUT, 14:00

19 OUT, 12:00

Museu

Começando na boca e expandindo-se para abranger toda a arquitetura, *Body Loss* transforma os limites do corpo e as estruturas que o contêm.

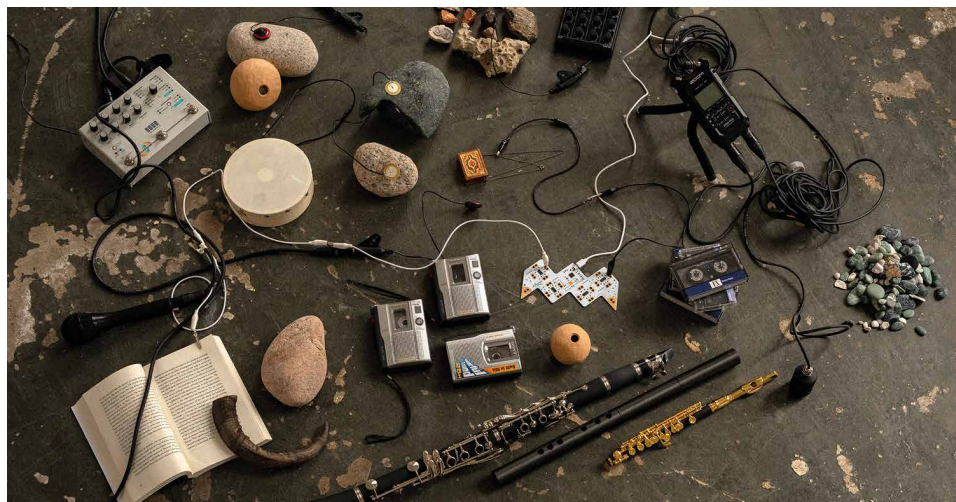
Uma única expressão transforma-se num coro etéreo e infinito. A voz torna-se um mar no qual o corpo é levado à deriva. Escalando, subindo, descendo e flutuando para cima, o corpo é simultaneamente libertado e restringido. A boca, fixa e aberta, torna-se um buraco, um canal, uma cifra, através da qual algo pode entrar ou sair. Através da boca, o corpo esvazia-se e devora-se ao mesmo tempo.

Body Loss é uma performance que se preocupa em romper limitações — corporais, arquitetônicas e culturais — a fim de perturbar o que é restrito e vaziar o que é irrefreável.

Body Loss, Angela Goh, The University of Melbourne Art Collection, 2024

Angela Goh é bailarina e coreógrafa. O seu trabalho é apresentado em contextos de arte contemporânea e espaços convencionais de espetáculos em todo o mundo, incluindo o Museu de Arte Leeum, em Seul; Haus der Kunst, em Munique; a Ópera de Sydney; Performance Space New York e a 11ª Trienal de Arte Contemporânea da Ásia-Pacífico. Em 2024, a sua obra *Body Loss* foi adquirida para a coleção permanente dos Museus de Arte da Universidade de Melbourne, tornando-se a primeira obra de dança a ser colecionada por um museu na Austrália. Angela vive e trabalha na terra Gadigal, em Sydney, Austrália.

<https://angela-goh.com/>



DANIA SHIHAB

REPLICA - RELIC

PERFORMANCE, 40'

18 OUT, 14:45

Biblioteca

Cerâmicas: Helena Civit Kopeinig

Arduino/Programação: Nico Saganias

Impressão 3D: Dania Shihab

Assistente de reconstrução STL:

Abishav Singh

Fotos dos objetos: Cecilia Diaz Betz

Live Visuals: Mau Morgo

Replica - Relic confronta os gestos performativos de descolonização em instituições culturais ocidentais — de forma mais vincada no British Museum — e questiona a sua sinceridade ao abordar erros históricos. Dania rejeita a autoridade custodial do museu reanimando património cultural através de um ato de soberania sonora e tátil. Sem permissão institucional, Dania capturou clandestinamente em 3D artefactos mesopotâmicos do British Museum. A partir destes fragmentos digitais emergiram cinco instrumentos musicais totalmente feitos de raiz, cada um eco fragmentado da sua forma ancestral. Em performance ao vivo, sob a

direção criativa de Mau Morgó, Dania faz emergir as vozes latentes incrustadas nestes artefactos, invocando as paisagens perdidas de onde originaram.

Cada instrumento funciona como artefacto e como vaso amplificador. A performance habita o interstício entre passado e presente — tornando o arquivado audível, tátil e liberto. A colaboração com cerâmica de Helena Civit Kopeinig, programação Arduino de Nico Saganias, impressão 3D da própria artista e acompanhamento visual de Mau Morgó convergem para produzir uma cerimónia de resgate e reverberação.

Projeto realizado no âmbito do programa Barcelona Producció de La Capella, com itinerância do programa Paracaigudisme do Club9.



Dania Shihab (Bagdade, 1982) é artista transnacional, musicista, curadora e médica de emergência residente em Barcelona. Licenciada em Medicina e Cirurgia pela University of Tasmania (Austrália). Enquanto artista sonora, a sua prática foca-se em identidade, fronteiras e deslocação a partir da experiência de migração forçada. Usando samples e gravações de campo e empregando a voz como ferramenta de agência cultural e de género, compõe peças eletroacústicas de longa duração. Desde 2014, dirige a plataforma Paralaxe Editions, onde lança música experimental e comissaria performances pela Europa. Em 2023, a Paralaxe Editions tornou-se residente orbitante no Hangar, Barcelona. Apresentou trabalho em festivais e locais como Sonic Acts, Sónar, Mira, She Makes Noise e Cafe Oto. Publicou várias obras musicais ligadas à sua experiência migrante e à identidade cultural em transição, incluindo Voz (2022) e Foreign Body (2023). Em 2024, completou uma residência de cinco semanas em Providenza, Communities Between Islands (Sardenha/Córsega e Syros), onde mapeou a interface terra-mar e explorou o seu impacto no conceito de fronteira nas comunidades migrantes. Foi seleccionada como artista da plataforma SHAPE+ para arte audiovisual inovadora '24/25.

<https://daniashihab.com/>



HARALD BEHARIE

BATTY BWOY

PERFORMANCE, 75'

18 OUT, 15:30

Auditório

M/16

Coreografia/Performance: Harald Beharie

Colaboradores artísticos/escultura: Karoline

Bakken Lund e Veronica Bruce

Compositor: Ring van Möbius

Designer de som: Jassem Hindi

Olhar externo: Hooman Sharifi, Inés Belli

Apoiado por: Kulturrådet, Fond for lyd og

bilde, FFUK, Município de Sandnes,

Município de Oslo e TOU.

Produtoras: Mariana Suikkanen Gomes e

Kristina Melbø Valvik

Distribuição: Damien Valette

Batty Bwoy é um solo que não começa com uma pergunta ou uma crítica, mas sim a partir de um lugar de brincadeira e desejo, entrelaçado em violência e crueldade encantadora. Através da reapropriação do termo jamaicano “batty bwoy” (literalmente, “menino do rabo”), gíria para designar uma pessoa queer, a obra distorce e revira os mitos do corpo negro queer, revelando

possibilidades vulneráveis numa interação entre consciência e ingenuidade.

Examinando o absurdo de uma monstrosidade queer, *Batty Bwoy* articula-se através da porosidade dos corpos e das linguagens, com as suas bocas a engolir e a regurgitar as ficções corporais projetadas nas suas peles.

Numa odisseia de rock progressivo em modo *drone*, *Batty Bwoy* ataca e abraça narrativas sedimentadas em torno do medo do corpo queer como uma figura perversa e desviante. A expressão “batty bwoy” é usada para evocar uma criatura ambivalente que existe no limiar do corpo precário, do poder liberado, da alegria e da energia *batty!* O trabalho encontrou inspiração em mitologias, estereótipos repugnantes, sentimentos e fantasias do corpo e identidades queer, letras homofóbicas de dancehall, filmes Giallo italianos dos anos 70, “gully queens” resilientes e vozes queer na Noruega e na Jamaica que visitaram e participaram do processo.

Nota: Inclui nudez integral

Harald Beharie é um artista e coreógrafo norueguês-jamaicano que vive em Oslo, Noruega.

A prática coreográfica de Harald consiste em viagens colaborativas, navegando por reinos de ambiguidade e fantasia, pontuadas por temas de construção e desconstrução, esperança e incerteza, desinteresse e intensidade emocional. Tem um interesse especial pelo DIY e pela vulnerabilidade de estar no desconhecido. Numa busca para dissecar narrativas corporais e físicas estabelecidas, o seu trabalho celebra um espectro de encarnação — que vai do patético ao extático, do colapso ao exuberante, do vacilante ao vigoroso, ao mesmo tempo que promove uma ingenuidade deliberada e uma diversão queer. O foco de Harald é estar com as pessoas locais, as ideias locais e desenvolver ideias com e dentro da comunidade.

Em 2023, *Batty Bwoy* ganhou o prêmio Hedda de “melhor produção de dança”.

Bruce & Lund é uma dupla artística composta por Veronica Molin Bruce e Karoline Bakken Lund, que realiza um intercâmbio interdisciplinar. Bakken Lund tem uma sólida formação em têxteis - esculturais, cenográficos e no corpo em narrativas performativas. Bruce tem formação em arte conceptual, dança contemporânea e coreografia. Elas expuseram e apresentaram obras como *ULTRA* na Interstate Projects em Nova Iorque, *The Tomb* na Nada Miami em colaboração com a Interstate Projects (Miami, 2020), *The Fool* na Palmera (Bergen, 2020) e *Life Killed Chihuahua* na Galerie Thaddaeus Ropac (Londres, 2019).

Jassem Hindi é performer, artista sonoro e professor. Estudou filosofia e trabalha na área da dança e performance há mais de dez anos. A sua estratégia consiste em utilizar objetos partidos, corpos partidos e sons partidos, reunidos pelo nervosismo e pela necessidade. Os seus últimos três trabalhos centram-se

em poemas sobre a morte como mundos coreográficos. Colaborou com coreógrafos como Ligia Lewis, Mia Habib, Lara Kramer, Ida Larsen, Keith Hennessy, Ruairi Donovan, Ofelia Jarl Ortega, Rani Nair e muitos outros.

Ring Van Möbius é uma banda de retro-prog de Karmøy, Noruega. Eles descrevem-se como «rock progressivo direto de 1971, mas feito hoje». A sua música é quase uma forma de rock espacial que leva-nos a longas excursões por um antigo universo de rock progressivo. É pesada, feroz, pomposa e, acima de tudo, imaginativa, com composições que entram dinamicamente em diferentes fases. O núcleo da banda é composto por Thor Erik Helgesen (teclados), Håvard Rasmussen (baixo) e Dag Olav Husås (bateria).

<https://haraldbeharie.com/>



ANDREAS TROBOLLOWITSCH

HYBRID #1 – 018

PERFORMANCE, 40'

18 OUT, 17:00

Garagem do Museu (piso inferior)

19 OUT, 16:00

Hall do Museu

hybrid #1 – 018 é uma composição/instalação sonora composta por vários gira-discos mecânicos, flautas e balões. As flautas são tocadas pelo ar expelido pelos balões e são postas em rotação pelos gira-discos. Durante este processo, o som é modificado de várias formas: de modo contínuo, devido à diminuição da pressão do ar, incluindo alterações de intensidade e timbre; e de modo abrupto, incluindo mudanças de altura, quando o modo de execução alterna entre “sobre-sopro” e execução “normal”. Além disso, os três gira-discos rodam a velocidades diferentes, recompondo sucessivamente o conjunto sonoro.

Nesta versão ampliada, pensada para dois espaços distintos do Museu de Serralves, a instalação é expandida com um ensemble de vozes que imita os sons modulados das flautas no campo microtonal, interagindo com eles e/ou amplificando-os parcialmente.

O objetivo da composição é criar um único instrumento único enorme que age como um único organismo que muda gradualmente; às vezes parece mais alto, às vezes mais baixo e, com base em superfícies sonoras microtonais em transformação, responde à interação entre humanos (intérpretes) e máquina (instalação). Há também um aspeto visual que é adicionado: os intérpretes que aparecem e desaparecem repetidamente entre os grandes balões brancos em rotação. Assim, a nível não só sonoro, mas também visual, existe uma convergência entre a instalação e os performers.

Participação: Ensemble Vocal Pro Musica;

Dirigido por: José Manuel Pinheiro;

Membros do coro: Júlia Aidar, Marta Barbedo, Isabel Catarino, Eduarda Coelho, Raquel Cunha, Daniel Duarte, Sérgio Faria, Cláudia Ferreira, Ana Freitas, Mary Gomes, Pedro Gomes, Carmen Guimarães, Luíza Linardi, Marta Manuel, João Oliveira, Olímpia Pinheiro, Renata Pinho, Eva Sousa, Mário Sousa, Jorge Tavares, Judith Toth

Andreas Trobollowitsch é um compositor interdisciplinar austríaco que trabalha com composições conceituais, performances, som e instalações.

Os seus materiais incluem frequentemente instrumentos musicais preparados ou desenvolvidos por ele próprio, objetos do quotidiano modificados e plantas ativadas ou manipuladas por sistemas rotativos, intérpretes ou estados de matéria em mudança, como gelo a derreter. Interessado na interação entre elementos intelectuais e físicos, ele incorpora aspetos visuais, configurações espaciais, arquitetura e movimento, com foco no timbre, textura e prática lúdica.

Trobollowitsch recebeu vários prémios, incluindo a Bolsa Estatal Austríaca para Composição, e foi Artista SHAPE (plataforma para a Música Inovadora e Arte Audiovisual para a Europa) em 2017.

As suas encomendas incluem o Ensemble PHACE em Viena, o Filmarchiv Austria, o Musikprotokoll em Graz, o Todays Art em Haia, o Contemporary Music Ensemble Synaesthesia em Vilnius, o Sinfonietta Rīga String Quartet em Rīga e o The Rhythm Method em Nova Iorque.

As suas obras foram apresentadas e exibidas em festivais e espaços culturais em todo o mundo, incluindo, Novas Frequências e Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro; Condit em Buenos Aires; Museu de Arte do Rio de Janeiro; Instituto Moreira Salles em São Paulo; Festival Tsonami em Valparaíso; Ex Teresa Arte Actual na Cidade do México; The Renaissance Society e Harvestworks em Chicago e Nova Iorque, respetivamente; Festival Dotolimpic em Seul; SuperDeluxe Club e mAtter em Tóquio; Festival Maintenant, em Rennes; Cynetart em Dresden; Sonica em Liubliana; Kleiner Wasserspeicher em Berlim; Museum der bildenden Künste em Leipzig;

Museu Nacional de Arte da Lituânia em Vilnius; Konzerthaus, Künstlerhaus e mumok em Viena, Elevate em Graz; e muitos outros.

As suas edições incluem CDs na Schraum de Berlim, Monotype Records de Varsóvia e Crónica do Porto; LPs na mAtter de Tóquio, Sonoscopia do Porto e Futura Resistenza de Bruxelas/Roterdão; bem como um DVD com uma banda sonora para um filme mudo encomendado pela Filmarchiv Austria.

<https://trobollowitsch.hotglue.me>



MERCHE BLASCO

FAUNA

PERFORMANCE, 35'

18 OUT, 18:00

Galerias do Museu

Fauna é um espetáculo de improvisação ao vivo que utiliza um conjunto de instrumentos e artefactos criados para o efeito. Estes objetos ganham vida através da exploração e do toque, seguindo a metodologia de composição que Merche tem incorporado e que se baseia na interação física com materiais alternativos. Ao longo da performance, Merche torna audíveis forças energéticas anteriormente não ouvidas, explorando a ressonância eletromagnética que interliga todos os corpos presentes na sala.

“Por meio da exploração e do toque, Blasco traz um entusiasmo lúdico e alienígena a materiais sonoros sérios e profundos: de ambientes cintilantes a batimentos viscosos de graves extraterrestres, uma vívida mistura de texturas e ritmos borbulha do seu caldeirão de sons imprevisíveis.” —
REWIRE festival

Aviso: Inclui a utilização de luzes intermitentes.

Apoio:

LLLL institut
ramon llull

Merche Blasco é artista multimédia e compositora. Divide o tempo entre Barcelona e Berlim. Desenha e constrói assemblagens tecnológicas imprecisas que catalisam formas incorporadas de composição eletroacústica ao vivo e novos modos de escuta. Através dos dispositivos que concebe, procura estabelecer uma relação mais horizontal com outras entidades, afastando-se de parâmetros de precisão, poder e controlo. Como forma alternativa de performance, engenha espaços colaborativos com instrumentos dotados de agência própria, em composições onde o seu corpo e a exploração ao vivo de materiais orgânicos são elementos centrais. O seu trabalho incide cada vez mais no desenho de performances sonoras participativas em espaços públicos, ligando desconhecidos ao seu entorno através da criação musical coletiva e da escuta.

Merche apresentou performances e instalações no Whitney Museum of American Art, The Shed, REWIRE, MaerzMusik, Ars Electronica, CTM Festival, SONAR, La Biennale di Venezia, conferências NIME, Tsonami International Sound Art Festival no Chile, The High Line em Nova Iorque, SONIC Festival, Mapping Festival (Genebra), Queens Museum of Art e no Museo de Arte Contemporáneo de Santiago, entre outros. O seu trabalho foi destacado no The New York Times, The Wall Street Journal, El País Semanal e The Wire. Foi DAAD Music & Sound Fellow em 2022–2023 e obteve o doutoramento em composição pela New York University com a dissertação “IN power/ OUT of Control – Listening to the Margins”.

<http://half-half.es/>

<https://www.instagram.com/blasco.merche/>

<https://www.facebook.com/merche.blasco.12/>



PEDRO MAGALHÃES + ENSEMBLE DECADENTE *HIDDEN TRACK*

**PEDRO MAGALHÃES +
ENSEMBLE DECADENTE**
PERFORMANCE, 40'

18 OUT, 19:45

Ala Álvaro Siza (pisos inferiores)

**Performance de ativação da instalação
Hidden Track (partituras gráficas) de Pedro
Magalhães**

Ensemble Decadente: Xavier Almeida; Íris
Neves; Valley Rosário; Elisa Pône; Francisco
Amorim; Kino Sousa; Tatá Garrucho; Carla
Badillo Coronado; Francisco Vala; Miguel
Ferreira

PEDRO MAGALHÃES *HIDDEN TRACK (PARTITURAS GRÁFICAS), 2021*

INSTALAÇÃO

18 OUT

Ala Álvaro Siza (pisos inferiores)

4 amplificadores de guitarra, 20 livros de
partituras HT, 20 suportes de partituras, som,
40' (loop)

O MUSEU COMO PERFORMANCE

PEDRO MAGALHÃES *HIDDEN TRACK (VIDEO-PERFORMANCE), 2021*

PROJEÇÃO VÍDEO

16:9, COR, SOM, 20'23" (LOOP)

19 OUT

Ala Álvaro Siza (pisos inferiores)

Hidden Track é um projeto de Pedro
Magalhães, que explora a interseção e
tradução de diferentes media, e instiga a
experimentação sónica e visual como ato de
resistência e rebelião poética. Este projeto
desdobra-se em vários momentos através de
diversos media, e materializa-se em múltiplas
obras. Tem a sua génese numa performance,
passa pelo desenho, transforma-se em
fotografias que se tornam partituras gráficas,
originando uma peça musical, que promove
novas performances.

O título, referindo-se às faixas musicais
escondidas, que se tornaram populares nas
edições de CD's de bandas rock dos anos
90, sugere também, a ideia de mensagem
velada, dissimulada na poética do discurso,
ou codificada para evitar a censura. A obra
que dá origem a todo o projeto (vídeo-
performance), é igualmente uma peça

escondida da exposição *GIG!* (ARTES, Porto, 2020).

Após o encerramento de *GIG!*, no espaço onde decorreu a exposição, o artista realizou uma performance recorrendo a uma guitarra eléctrica carbonizada, para intervir sobre uma parede branca, criando um desenho performativo, numa sequência coreográfica progressiva que culmina em gestos catárticos de destruição da parede da galeria.

A guitarra eléctrica, enquanto ícone representativo de movimentos de contracultura, agentes de luta e protesto por mudanças sociais, políticas e culturais, apresenta-se, inicialmente, na condição de cadáver imóvel e inaudível. A intervenção do artista possibilita a ressignificação do objeto e da sua carga simbólica, acabando por revelar a potência remanescente de um corpo, aparentemente desprovido de qualidades, e a sua capacidade de se manter ativo na expressão de um discurso de resistência.

A partir do resultado da performance, realizaram-se fotografias de fragmentos do desenho mural, dando origem a uma série de 108 imagens, que se assumem como partituras gráficas de uma composição musical para guitarra(s) eléctrica(s). Estas partituras, não obedecendo a códigos restritos de nenhuma linguagem pré-concebida, evocam, na sua abstração e nas variantes tonalidades, intensidades, ritmos e gestos, o universo sónico da composição musical noise/experimental. A sua liberdade de leitura permite diferentes interpretações de uma obra que se pretende aberta a múltiplas abordagens, contextos e colaborações.

Nesta edição de O Museu como Performance é apresentada a instalação *Hidden Track* (partituras gráficas) que integra a peça sonora reproduzida por um conjunto de amplificadores de guitarra,

juntamente com os livros de partituras exibidas em suportes de pautas distribuídas ao longo do espaço expositivo. Respondendo ao desafio de Pedro Magalhães para uma nova interpretação das partituras, o coletivo Ensemble Decadente apresenta uma performance de cariz multidisciplinar, num ato de ocupação e apropriação tanto da obra *Hidden Track* quanto do espaço museológico.

Hidden Track integra um universo de investigação sobre rituais musicais de contracultura como agentes de transformação social. Explora a interseção e a tradução de diferentes media, instigando a experimentação sonora e visual como ato de resistência e rebelião poética.

Apoio:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

Pedro Magalhães é artista visual, vive e trabalha no Porto. A sua prática artística desenvolve-se de forma transdisciplinar combinando vários media, explora a interseção de territórios visuais e sonoros, e lida com conceitos como: contracultura, memória, ruído, sinestesia, arquivo, déjà-vu, experimentação e poética.

Apresentou o seu trabalho em exposições individuais, como: *sem fim, sem nome* (CAMPANICE, Porto, 2023); *todas as noites* (Galeria Dinamo, Porto, 2022); *Hidden Track* (Solar, Vila do Conde, 2021); *GIG!* (Artes, Porto, 2020); *Burning Dinosaur Bones* (IN SPITE OF, Porto, 2019); *Low Ride Pleasure* (CAAA, Guimarães, 2012); *Fake Memoirs* (Galeria Nuno Centeno, 2011) e em exposições coletivas como: *Warhol, people and things* (Casa São Roque, Porto, 2022); *We want electricity* (Galeria Pedro Oliveira, Porto, 2021); *Estar vivo é o contrário de estar morto* (Galeria Municipal Porto, 2019); *O Começo do Fim* (Galeria Eva Ruiz, Madrid, 2012); *P's Correspondence* (Selma Feriani Gallery, Londres, 2012).

Tem publicados os livros de artista: *Hidden Track* (2025); *sem fim, sem nome* (2023); *Fake Memoirs* (2023); *Burning Dinosaur Bones* (2020); *Low Ride Pleasure* (2019).

www.instagram.com/opedromagalhaes/
www.pedromagalhaes.net

Ensemble Decadente é um projeto da Estrela Decadente – coletivo que se caracteriza por práticas artísticas inscritas pela cultura independente, a auto-organização e o ativismo, que se apresenta sob diversas formas, aglomerando uma comunidade diversificada de artistas que vão integrando a sua formação em múltiplas manifestações.

“O Ensemble Decadente é um organismo mutante de exploração sonoro-performativa que tanto pode ser um grupo com 15

integrantes como um “simples” quarteto, quinteto ou sexteto. O seu existencialismo estético junta música de improviso com uma certa apetência para a teatralidade, onde nem sequer falta um qb de provocação, ou um deliberado desapego perfeccionista. A sua obra materializa-se em momentos únicos e irrepetíveis, como se cada uma das suas apresentações ao vivo fosse um manifesto de singularidade, um grito despudorado de afirmação individual. E é na orgiástica amálgama sonora que conseguem em “palco” que se corporiza a sua tendência anarco-libertária.” – Carlos Matos, Fadeln

Ativo desde 2017, tem apresentado performances em diversos contextos como: Festival de Música Exploratória de Leiria, Galeria Zé dos Bois, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Desterro, Serralves em Festa, Matos em Festa, entre muitos outros. Auto-editou os álbuns *Concerto para respiração* (2022) e *Super Non-Harmonic Place* (2024), e pela editora Rotten/Trash *Provisiones contra la asfixia* (2020), e *Manifestos e Manifestações* (2025).

www.instagram.com/estreladecadente___/



NOUR MOBARAK *LOCUS/LACUNA LIVE*

PERFORMANCE, 30'

19 OUT, 15:00

Galerias do Museu

A exposição coletiva *Provas Materiais*, patente no Museu de Serralves, apresenta um conjunto de trabalhos da artista Nour Mobarak, destacando-se *Locus/Lacuna* (2025), uma instalação composta por uma composição sonora que acompanha um grande tapete de 7 x 7 m, tecido manualmente em Beiriz, Portugal, seguindo o seu desenho e as suas indicações. No catálogo que acompanha a exposição, ficamos a saber que esta instalação evoca uma memória pessoal da artista, nomeadamente uma ida, tinha ela quinze anos, a um antigo cinema transformado em igreja evangélica. O objetivo passava por curar o seu pai de uma doença neurológica, que a tia que a levou à sessão religiosa acreditava ser obra de Satanás. Lê-se ainda que “O locus visual dessa memória é o assento de pelúcia em tom vermelho que se vislumbra

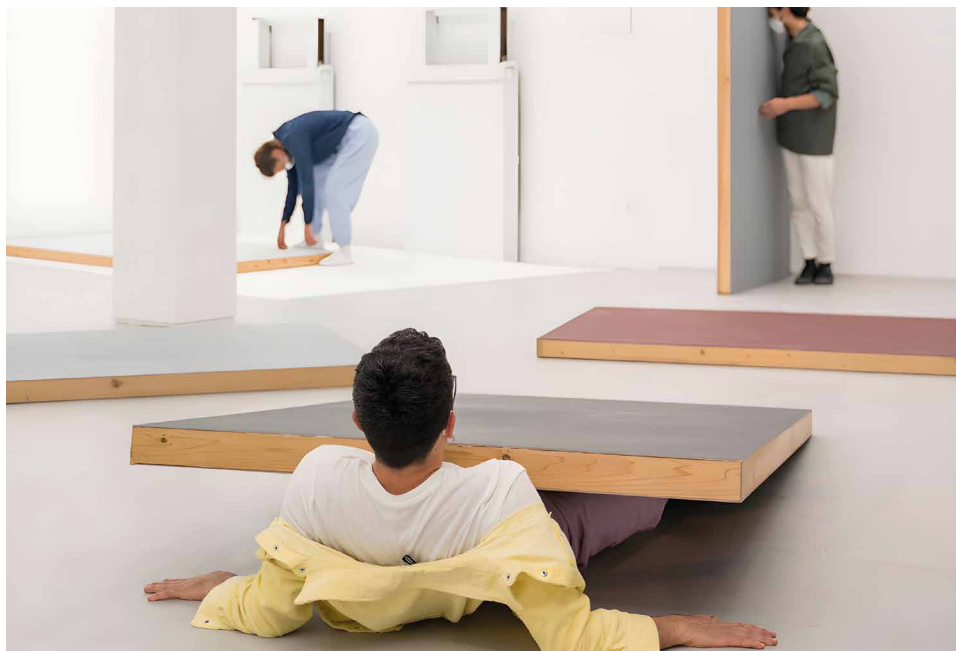
ao centro do grande tapete que preenche o chão da sala e que convida o visitante a percorrer esta área, descobrindo o som que se revela à medida que se desloca, oriundo de colunas isoladas de áudio direcionado. Estas faixas separadas reproduzem variações da mesma memória, difundindo assim *as lacunas*. Ao tornar pública uma memória pessoal, a gravação que ouvimos, que passou por vários processos de manipulação, tornou-se para a artista um exercício de controlo e desapego. [...] A intervenção de Mobarak no processo de mediação demonstra como manipulamos constantemente as nossas memórias, conscientemente ou inconscientemente.” Segundo Philippe Vergne, o comissário de *Provas Materiais*, este trabalho “[...] baseia-se numa camada de transformações materiais que envolvem memórias familiares, uma experiência religiosa, a localização específica de uma sala de cinema, a pintura de uma cadeira de cinema e o livro de Frances A. Yates, *The Art of Memory*, bem como a metodologia grega de construção de memória, que consiste na associação mental de lugares e imagens.”

Em O Museu como Performance, a artista ativará esta instalação de nove altifalantes hiperdirecionais, através de uma performance em que usa a sua voz, manipulada, para questionar a posição, tanto subjetiva quanto física, do espectador em uma composição sonora e na recontagem de uma memória. Também os espectadores, convidados a sentarem-se no grande tapete e impedidos de aceder à totalidade dos sons difundidos, terão de fazer um trabalho de associação entre aquilo que ouvem e as lacunas que vão preenchendo, num processo que é, afinal, o funcionamento da arte da memória.

Nour Mobarak nasceu em 1985 no Cairo, Egito. Tem nacionalidade libanesa e americana. Atualmente, vive e trabalha entre Los Angeles, a ilha de Bainbridge e Atenas, na Grécia. O seu trabalho abrange performance, vídeo, poesia, escultura, som e vídeo, usando muitas vezes a sua voz como fio condutor.

O seu trabalho foi recentemente apresentado em importantes exposições individuais e coletivas, das quais se destacam: *Dafne Phono*, no MoMA, Nova Iorque (2024), *Dafne Phono*, no Municipal Theatre of Piraeus, Pireu, *Gods' Facsimiles*, Rodeo, Londres, *Human Is*, Schinkel Pavillon, Berlim, *landscape hot mic.*, Juf Projects, Madrid, *Throughline*, Bureau, Nova Iorque (2023), *SIREN (some poetics)*, Amant Foundation, Nova Iorque, *Symbionts: Contemporary Artists and the Biosphere*, MIT List Visual Arts Center, Massachusetts, *Dafne Phono*, JOAN, Los Angeles, *anabasis**, Rodeo, Pireu, *Looking Back: 12th White Columns Annuel — Selected by Mary Manning*, White Columns, Nova Iorque (2022), *Logistique Elastique*, Miguel Abreu Gallery, Nova Iorque, *Cold Time Out of Joint*, KIM?, Contemporary Art Centre, Riga (2021), *Sphere Studies and Subterranean Bounce*, Hakuna Matata Sculpture Garden, Los Angeles, *Toothtone*, na instalação sonora de Nancy Lupo, *Scripts for the Pageant*, Museum of Contemporary Art, San Diego (2020), *Cutting the Stone*, Miguel Abreu Gallery, Nova Iorque, *Structures That Cooperate: Get Paid!*, Cubitt Gallery, Londres (2019). Os seus trabalhos musicais foram lançados pela Recital (Los Angeles), pela TakuRoku do Café Oto (Londres) e pela Ultra Eczema (Antuérpia), e estão incluídos nas Coleções Especiais da Biblioteca do Whitney Museum. Os seus poemas e outros escritos foram publicados em publicações como: Triple Canopy, F.R. David, The Claudius App e Salzburg Review, entre outras.

<https://www.nour.computer/>



CARLOS M. OLIVEIRA

UM LADO | OUTRO

PERFORMANCE, 180'

19 OUT, 15:30

Ala Álvaro Siza (piso inferior)

Direção artística: Carlos M. Oliveira

Interpretação: Vânia Rovisco, Adriano Vicente, Elizabete Francisca e Ana Trincão

Textos: Andresa Soares

Adereços: Maria Abrantes, Tiago Gandra e David Leitão

Figurinos: Josseline Black e Carlos M. Oliveira

Mistura de som: Carlos M. Oliveira

Produção: Cotão

Coprodução: Fundação de Serralves

Apoios: Associação Parasita, Galeria Foco, ARS-ID, Estudios Victor Cordon, Câmara Municipal de Santarém, Câmara Municipal de Lisboa, República Portuguesa - Cultura, Juventude e Desporto | DGArtes - Direção Geral das Artes.

UM LADO | OUTRO é a terceira iteração da série de performances cujo título comum se

reduz ao símbolo | . Iniciada em 2017 no ciclo Nova-Velha Dança e reiterada em 2021 no ciclo *Novas visualizações para corpos em activação*, a série re-articula um conjunto de matérias coreográficas de acordo com as circunstâncias de cada apresentação. Paredes móveis, baralhos de texto e corpos em espiral compõem um espaço em reconfiguração contínua, que o público também habita, e onde os gestos circulam sem endereço estável.

Toda a série é uma incursão à relação entre acto e conhecimento, com que se aferem dependências entre um e outro em corpos que aprendem e desaparecem. É, no fundo, um estudo coreográfico sobre a própria condição do estudo

Carlos Manuel Oliveira (1980, Santarém) trabalha como artista nos campos da dança, coreografia e performance contemporâneas. Depois de um período dedicado à crítica da relação entre coreografia e dança — foi investigador em universidades da Europa e E.U.A., doutorando-se em 2016 pelo Programa UT Austin | Portugal com um estudo sobre os modos de existência dos objectos coreográficos—, dedica-se desde 2017 a produzir, criar e apresentar o seu trabalho artístico e curatorial, sem abandonar os mesmos problemas.

Ana Trincão (Lisboa, 1981) é uma artista e investigadora multidisciplinar nas áreas da dança, artes visuais, performance e somática. Entre os seus projetos mais recentes encontram-se *Mulheres Mondon* (2024) e *BlindDances* (2024), ambos dedicados à exploração das estruturas sociais e políticas através de abordagens sensoriais e corporais. Ana é também professora convidada na Escola Superior de Dança de Lisboa. Para além do seu trabalho individual, integra o projeto de música experimental SAS Orkestra de Rádios e o coletivo artístico Apneia Colectiva.

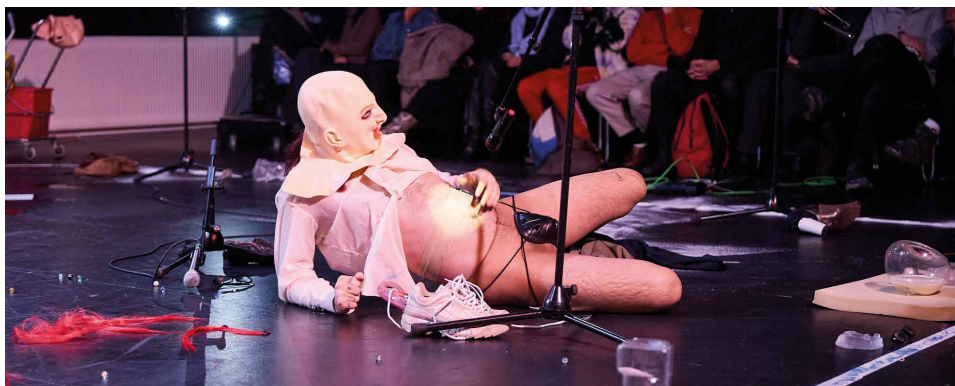
Adriano Vicente (Lisboa, 1991) é bailarino e performer. Iniciou a sua formação em dança, em 2007, no Quorum Academy, fazendo parte de vários espetáculos promovidos pela academia. Em 2013 integrou o curso PEPCC do Fórum Dança, em Lisboa, que abandonou para ingressar na P.A.R.T.S., em Bruxelas, onde estudou durante 3 anos. Colaborou com Vera Mantero, Marten Spanberg, Nikima Jagudajev, André e. Teodósio, João dos Santos Martins, Carlos Manuel Oliveira, e ainda com o Dj Audiopath num projeto que tenta aliar a música eletrónica, a dança e o corpo.

Elizabete Francisca (Joanesburgo, 1985) move-se em contextos multidisciplinares e colaborativos, maioritariamente na área

da dança e da performance, trabalhando pontualmente em cinema e artes visuais. Tem um longo percurso como intérprete, e um corpo de trabalho autoral próprio, com o qual reivindica cada corpo como lugar autónomo, singular e legítimo. Foi artista associada da estrutura Materiais Diversos dirigida por Tiago Guedes entre 2011e 2013, e apoiada pel'O Rumo do Fumo, de Vera Mantero, entre 2013 e 2020. Atualmente integra o colectivo Apneia Colectiva.

Vânia Rovisco (Joanesburgo, 1975) é performer, bailarina e coreógrafa, criadora de peças e instalações duracionais através das quais explora e atualiza processos relacionais. Frequentou o Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança (1998-2000) e trabalhou com artistas como Meg Stuart, Pierre Coulibeuf, Helena Waldman, Gordon Monahan e Vera Mantero. Fez a curadoria do 3.º PACAP do Fórum Dança (2019), fundou a plataforma artística AADK Portugal e, em 2021, começou a alicerçar um espaço que acolhe várias disciplinas e práticas artísticas - The Plot.

<https://coliveira.pt>



GUI B.B

I HAVE SUCH A HORRIBLE VOICE

PERFORMANCE, 80'

19 OUT, 17:00

Auditório

M/16

Conceito, criação e interpretação: Gui B.B

Design de som: Jad Mroue

Peças de vidro: Geneviève Grenier

Assistente técnico: Arnaud Rochefort-Allié

Num longo poema corpóreo espectral, Gui B.B mergulha numa exploração complexa da sua experiência com a dívida. Investiga como ela é suportada e combatida no próprio corpo.

Gui B.B estabelece um espaço trans simbólico onde reivindica ambiguidade, incerteza, hipervulnerabilidade e caos. Assim, convida-nos para um espaço assombrado onde enfrenta a precariedade inerente de uma vida endividada, transformando-a em força vital. Pelo caminho, exsuda o seu próprio fantasma, oferecendo o corpo em sacrifício quando falha em ser mais do que apenas um sistema.

Nota: Contém nudez integral

Apoio à circulação:



Conseil
des arts
et des lettres
du Québec

Gui B.B é artista de performance experimental.

O seu trabalho colaborativo e a solo foi apresentado em vários locais e festivais (L'Écart, OFFTA, Darling Foundry, La RIPA, Festival d'art performatif de Trois-Rivières, Art Souterrain). Apresentou igualmente trabalho em espaços alternativos, onde auto-explora o meio da performance e o seu potencial de impostura e cura. Refletindo sobre a performance como prática de construção de mundos, desenvolve enunciados performativos indisciplinados em que teatralidade, ironia e voz surgem como materiais centrais. Ao envolver diferentes formas de afinidade, o seu processo faz emergir novas constelações, possíveis reconfigurações de narrativas dominantes. Num excesso de gestos-objeto, cria espaços onde o público pode experimentar o sem-sentido, uma erupção de alterações às identidades normativas. Mais recentemente, tem vindo a desenvolver um léxico visual, textual e sonoro de D.I.Y. que remete diretamente para a ficção científica, com investigação iconográfica e filosófica sobre formas de vida não humanas e narrativas especulativas. As suas referências e conceitos por vezes dissolvem-se em esquecimento e agregação. Descuida as costas, a voz e a memória, e dá-se tempo para nunca ter demasiada preparação prévia.

<https://www.studio303.ca/en/gui-b-b/>



TIRAN WILLEMSE & MELIKA NGOMBE KOLONGO (NKISI)

WHEN THE CALABASH BREAKS

PERFORMANCE, 45'

19 OUT, 18:30

Ala Álvaro Siza (piso inferior)

Conceito, Direção Artística e Performance:

Tiran Willemse e Melika Ngombe Kolongo

Coreografia: Tiran Willemse

Som: Melika Ngombe Kolongo / Nkisi

Dramaturgia: Andros Zins Browne e The Otolith Group (Anjalika Sagar e Kodwo Eshun)

Assessoria Coreográfica: Laurent Chétouane

Iluminação: Demian Jakob, Thibault Villard

Produção: Rabea Grand e Eva Cabañas

Consultoria artística: Lhaga Koondhor (House of Intuition)

Distribuição: Tristan Barani

Esta peça foi criada como parte de uma encomenda conjunta do ARSENIC - Centre d'arts scénique contemporain e do Roskilde Festival.

Coprodução: ARSENIC - Centre d'arts scénique contemporain, Roskilde Festival, Gessnerallee Zürich

Apoio: Stadt Zürich Kultur, Ernst Göhner Stiftung, Fachstelle Kultur Kanton Zürich, Pro Helvetia, Schweizerische Interpretenstiftung

frequentemente utilizada nas culturas africanas para significar uma disrupção ou perda significativa, geralmente relacionada com uma rutura na tradição, na comunidade ou num aspeto fundamental da vida. A cabaça é um recipiente precioso utilizado para armazenar água e alimentos, e a sua quebra representa uma grande perda ou perturbação para o agregado familiar ou a comunidade; também pode simbolizar a perda de uma vida ou uma mudança significativa na vida de alguém, dependendo do contexto.

Este projeto surge do encontro e da pesquisa partilhada entre o bailarino e coreógrafo Tiran Willemse e a música e compositora Melika Ngombe Kolongo (Nkisi). *When the calabash breaks* está enraizado em cosmologias espirituais e rituais afro-diaspóricos, usando a improvisação como uma prática transformadora e política. O som é intenso e em camadas e atua como uma força viva capaz de afetar o tempo e o espaço, enquanto o movimento abrange dimensões energéticas, memória ancestral e dinâmicas coletivas. Juntos, eles criam uma performance ritualística experimental numa trama explosiva de música e dança - construída para a arquitetura histórica e atual.

"Quando a cabaça se parte [when the calabash breaks]" é uma expressão

Aviso: Inclui a utilização de luzes intermitentes.

O MUSEU COMO PERFORMANCE

Tiran Willemse é um bailarino e coreógrafo sul-africano, radicado em Zurique. Estudou na P.A.R.T.S em Bruxelas e na Universidade de Artes de Berna (HKB). A sua prática baseada na performance explora a profundidade física e emocional do corpo, utilizando técnicas sonoras e visuais para criar paisagens somáticas e psicológicas além da condição humana. Tiran trabalhou e colaborou com coreógrafos como Trajal Harrell, Jérôme Bel, Wu-Tsang, Ligia Lewis, Meg Stuart, Andros Zins-Browne, Eszter Salamon e Deborah Hay. Em 2022, ganhou o Prix Suisse de la Performance.

<https://tiranwillemse.com/>

Nkisi é o pseudónimo de **Melika Ngombe Kolongo**, produtora, música ao vivo, DJ e curadora. A sua pesquisa sonora investiga forças invisíveis através de uma mistura cativante de ritmos africanos, dança europeia e melodias sintéticas. Cofundou o coletivo NON WORLDWIDE e aperfeiçoou o seu estilo entre as festas Endless de Londres e as residências na rádio NTS. O seu álbum *7 Directions* e o EP *The Dark Orchestra* moldaram uma estética sonora poderosa e multifacetada. Nkisi combina apresentações ao vivo internacionais com uma prática interdisciplinar que inclui instalações e performances.

<https://nkisi.bandcamp.com/>

O MUSEU COMO PERFORMANCE THE MUSEUM AS PERFORMANCE

Curadoria Curated by: Cristina Grande,
Pedro Rocha, Ricardo Nicolau

Produção Production: Ana Conde, Cristina Grande,
Pedro Rocha

Assistência de Produção Production Assistance:
Leonardo Polita

Coordenação técnica e Som Technical
coordination and Sound: Carlos Moreira

Vídeo e Cinema Video and Cinema: Carla Pinto

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode
adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you
can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes
da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa, acompanhada de um
almoço rápido ou um lanche, logo após a visita
às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take
a break, with a quick lunch or snack, after visiting
the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se
contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma
das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself
to be captivated by the environment associated
with one of the most beautiful views over the Park.
restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou
para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling
city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Apoio Institucional
Institutional Support



Apoio à divulgação
Support for publicity



O Museu como Performance
conta com o apoio de The Museum
as Performance is supported by the

Morgan Phoa Family

Mecenas do Museu
Museum Support

